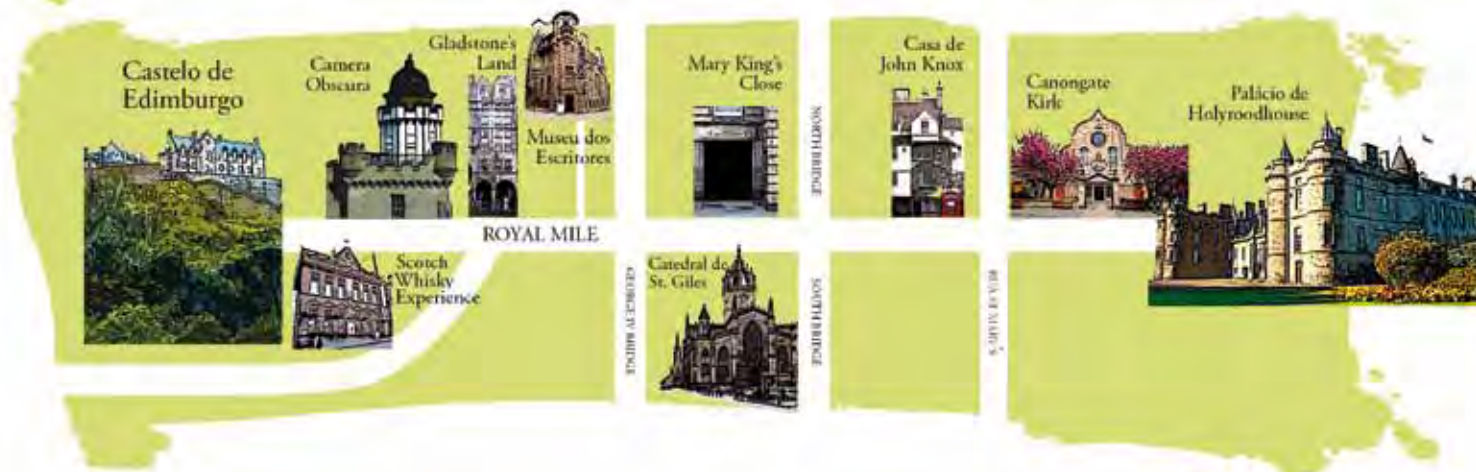


# EDIMBURGO O CAMINHO DO REI

A rua pela qual desflava a monarquia escocesa é a mais antiga da cidade. Quase mil anos depois, percorrer a Royal Mile ainda é a essência desta grandiosa capital

TEXTO LUCIANO VELLEDA | FOTOS CRISTIANO CARNIEL

ACOMPANHE NOSSA JORNADA PELAS PRINCIPAIS ATRAÇÕES DA **ROYAL MILE** E DESCUBRA A HISTÓRIA, OS MISTÉRIOS E A EVOLUÇÃO DE UMA IMPACTANTE CIDADE



Acima, da esquerda para a direita: vestidos a rigor, homens se preparam para o tiro de canhão diário; espadas ornam o Great Hall; um dos "soldados" do castelo. Abaixo: Royal Mile é, há 800 anos, a rua mais importante da cidade

# 1 A ORIGEM

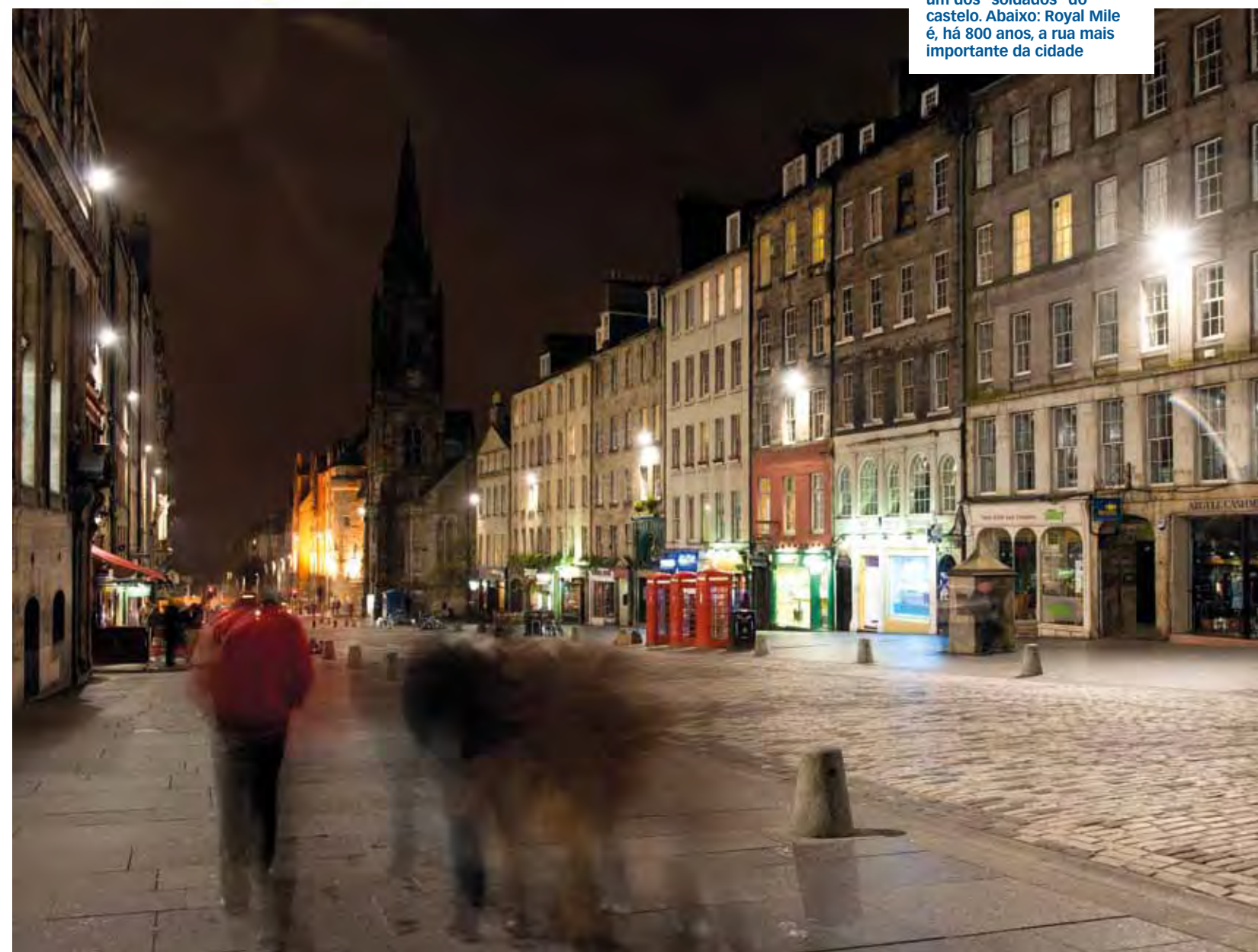
## QUALQUER VISITA À CAPITAL ESCOCESA DEVE COMEÇAR PELO CASTELO DE EDIMBURGO

**I**LUMINADOS como no topo de um pedestal, os muros altos e as grossas paredes do Castelo de Edimburgo parecem levitar na noite escura e fria. Soberano na paisagem, sua construção imponente é a própria razão de existir da capital escocesa. Erguido sobre um extinto vulcão, a localização privilegiada rapidamente o tornou o mais importante guardião de defesa na conflagrada rota de batalhas entre o nordeste da Inglaterra e o centro da Escócia.

O efeito que sua visão desafiadora causa ainda hoje em quem o vê pela primeira vez não deve ser muito diferente daquele sentido pelos postulantes a invasores no século 7, quando o castelo então era conhecido como Dun Eiden. Intimidador e brutal, ainda assim foi dominado pelas tropas do reino da Northumbria, vindos do nordeste da Inglaterra, no ano de 638. Os novos conquistadores mantiveram a palavra gaélica Eiden – que significa *morro inclinado* – e acrescentaram a palavra do inglês arcaico para forte – burh – criando assim o nome Edinburgh.

Quando o rei David I trouxe sua corte para o castelo no século 12 e fundou a abadia de Holyrood no outro extremo da rua, os muros da fortaleza foram transpostos e a cidade começou a nascer. O parlamento, obviamente, seguiu o rei, e Edinburgh (ou Edimburgo, em português) tornou-se então a capital da Escócia. Ao contrário de Londres, abarrotada de brasileiros, viajantes ou imigrantes, o país dos homens de saia e feições bárbaras, de mulheres de pele quase albina e olhos tão azuis como uma bolita de gude ainda recebe poucos visitantes verde-amarelos se comparado a outras nações europeias.

Mas quem se dispõe a vir a Edimburgo, não sai incólume. A expansão local a partir dos pesados portões de entrada do castelo deu origem a uma cidade de construções em tons de cinza, predominantemente escura, com prédios e igrejas enegrecidas. Um pouco sombrio demais para alguns. Um ar vampiresco e atraente para muitos. À noite, caminhar por seus inúmeros becos, ou mesmo percorrer a rua principal da Old Town, desperta a sensação de que a qualquer momento veremos cruzar a galope algum cavaleiro medieval de armadura pesada empunhando uma lança comprida e pontiaguda. Embora só tenha adquirido o nome de Royal Mile (Milha Real) no século 16, quando o rei



percorria o trajeto entre o castelo e o Palácio de Holyroodhouse, no outro extremo da rua, a primeira via da capital escocesa continua sendo, através dos séculos, a mais importante, atraente e sedutora da cidade, seja para quem vive aqui ou para quem a visita.

O Castelo de Edimburgo desempenhou um papel vital na história da Escócia, como moradia real e defesa militar, até que os últimos disparos de canhão acontecessem em 1745, poucas décadas após o Ato da União, que unificou as coroas inglesa e escocesa. De lá para cá, tornou-se a base principal do exército britânico na Escócia até 1920 e, desde então, a mais concorrida atração da cidade. Ignorá-lo visualmente é impossível e desprezá-lo turisticamente uma temeridade.

Todos os dias, uma respeitável multidão se acotovela às 13h para ver – e ouvir – ensurdecedores 25 tiros de brincadeira de disparos de um dos muitos canhões ainda existentes. Homens e mulheres trajando roupas típicas dos soldados de outrora, com rostos e expressões faciais tão perfeitos que poderiam tranquilamente contracenar com o William Wallace, de Mel Gibson, são a alegria das lentes dos inquietos visitantes.

A encenação é interessante, mas o que vale mesmo o passeio é a cidade vista lá de cima, as assustadoras celas utilizadas para aprisionar inimigos, o magnífico Great Hall, salão cerimonial do século 16, e a reluzente Honours of Scotland, a coroa de joias mais antiga existente na Europa. Cruzando de volta o portão do castelo, descendo a Royal Mile, não é preciso imaginação exacerbada para visualizar os tempos das grandes lutas e batalhas ferozes. A arquitetura sombria e o frio colaboram para o clima, logo estilizado pela realidade de grupos de turistas com câmeras modernas e um impulso tão grande em fotografar que me permito duvidar se eles conseguem realmente captar a essência da cidade.

A fétida Royal Mile da Idade Média, por certo, desapareceu. Lojas atraentes, pubs aconchegantes e bons restaurantes destacam-se nos andares térreos dos edifícios escuros, para a felicidade do viajante que aprecia mergulhar no passado sem abdicar do conforto da modernidade. Artistas de rua animam o antigo caminho real, enquanto senhores sisudos de kilt apressam o passo, alheios à agitação local. Em apenas uma milha Edimburgo nasceu. E aqui, ainda vive.

● [edinburghcastle.gov.uk](http://edinburghcastle.gov.uk) ►



## 2 A BEBIDA

**X** A MAIOR COLEÇÃO DE WHISKY ESCOCÊS DO MUNDO RETORNOU RECENTEMENTE À SUA TERRA NATAL

A primeira visão pode fazer até abster-se de salivar. Ordeiramente dispostas em uma longa vitrine que contorna a sala, iluminação perfeita realçando as preciosidades em exposição, a maior coleção de whisky escocês do mundo extrai de cada um que a vê uma inevitável exclamação. São quase três mil e quatrocentas garrafas, algumas mais cheias que outras, mas todas indistintamente posando como troféus de uma dedicação iniciada em 1970 e que perdurou por mais de 35 anos.

O autor da façanha não é nenhum milionário russo ou conde britânico. Para surpresa de muitos, é o paulistano Cláudio Vidiz, membro fundador da Associação Brasileira dos Colecionadores de Whisky, que dedicou boa parte da sua vida para amearhar a bebida símbolo da Escócia. Para a alegria do orgulhoso povo escocês, esse brasileiro que já foi office boy de uma empresa farmacêutica em Londres até tornar-se seu presidente, entrou em acordo em 2008 com uma multinacional de bebidas e vendeu a coleção de whisky que desde 1993 o colocara no Guinness Book.

O valor da transação nunca foi revelado, mas especula-se que tenha girado em torno de 2,5 milhões de libras. Especialistas em whisky consideram o preço inestimável. Na sala em que hoje circulam alguns embasbacados admiradores, lê-se em um quadro a explicação para a venda. “Temos uma expressão no Brasil que o bom filho à casa volta e, na minha visão, a coleção está de volta a sua família agora”, declarou Cláudio na época do negócio.

A empresa compradora cedeu as raridades para serem exibidas com toda a merecida pompa na Scotch Whisky Experience, atração que pretende mostrar ao turista a história e as nuances da bebida. “A coleção, sem dúvida, é o que mais surpreende os visitantes”, diz Gillian Armstrong, funcionário local. De fato, exceção feita à oportunidade de tomar uma dose de *single malt* e ainda levar o copo para casa, a ida a Scotch Whisky Experience é justificável pela oportunidade única de apreciar uma coleção que expõe muito mais que garrafas e álcool. Revela a própria identidade escocesa.

● [scotchwhiskyexperience.co.uk](http://scotchwhiskyexperience.co.uk)

## 3 A CIÊNCIA

**X** UM INCRÍVEL APARELHO DO SÉCULO 19 AINDA É A PRINCIPAL ATRAÇÃO DA CAMERA OBSCURA

A instrutora explica com paciência, parece ser muito simples até para um jornalista leigo em questões ópticas e suas ilusões. O curioso dispositivo que mistura lentes, espelhos e um periscópio capta imagens reais da rua logo abaixo e as exibe em uma tela horizontal situada dentro de uma escura sala oval, com cerca de vinte visitantes dispostos ao redor. Parece não ser o único que emite um “ah” de quem acha que entendeu o mecanismo instalado pela primeira vez em 1835 no Carlton Hill, um morro do outro lado daquele em que fica a Royal Mile. Mas como entender assim tão fácil aquelas pessoazinhas de guarda-chuva andando sobre a tela quase ao alcance das minhas mãos? A coisa complica ainda mais quando a instrutora convida alguns visitantes a pegar uma folha de papel e fazer as pessoas subirem e caminharem sobre ele.

A intrigante ilusão de óptica exibida desde 1853, naquela época pela saudosa Maria Short neste mesmo prédio de telhado vitoriano, então batizado de Short's Observatory and Museum of Science and Art, ainda causa admiração mesmo aos visitantes de 2011. Oriunda de uma família que desenvolvia instrumentos científicos desde o começo do século 18, foi de seu pai que ela herdou um potente telescópio e o gosto pela ciência. Embora sua Camera Obscura seja a atração principal, os outros andares da construção exibem diversos instrumentos de ilusionismo que igualmente agradam. Jovens se divertem diante de espelhos que fazem o mais torneado corpo parecer uma deformidade, lentes potentes e hologramas malucos atraem olhares fascinados e até bolas de plasma chamam a atenção.

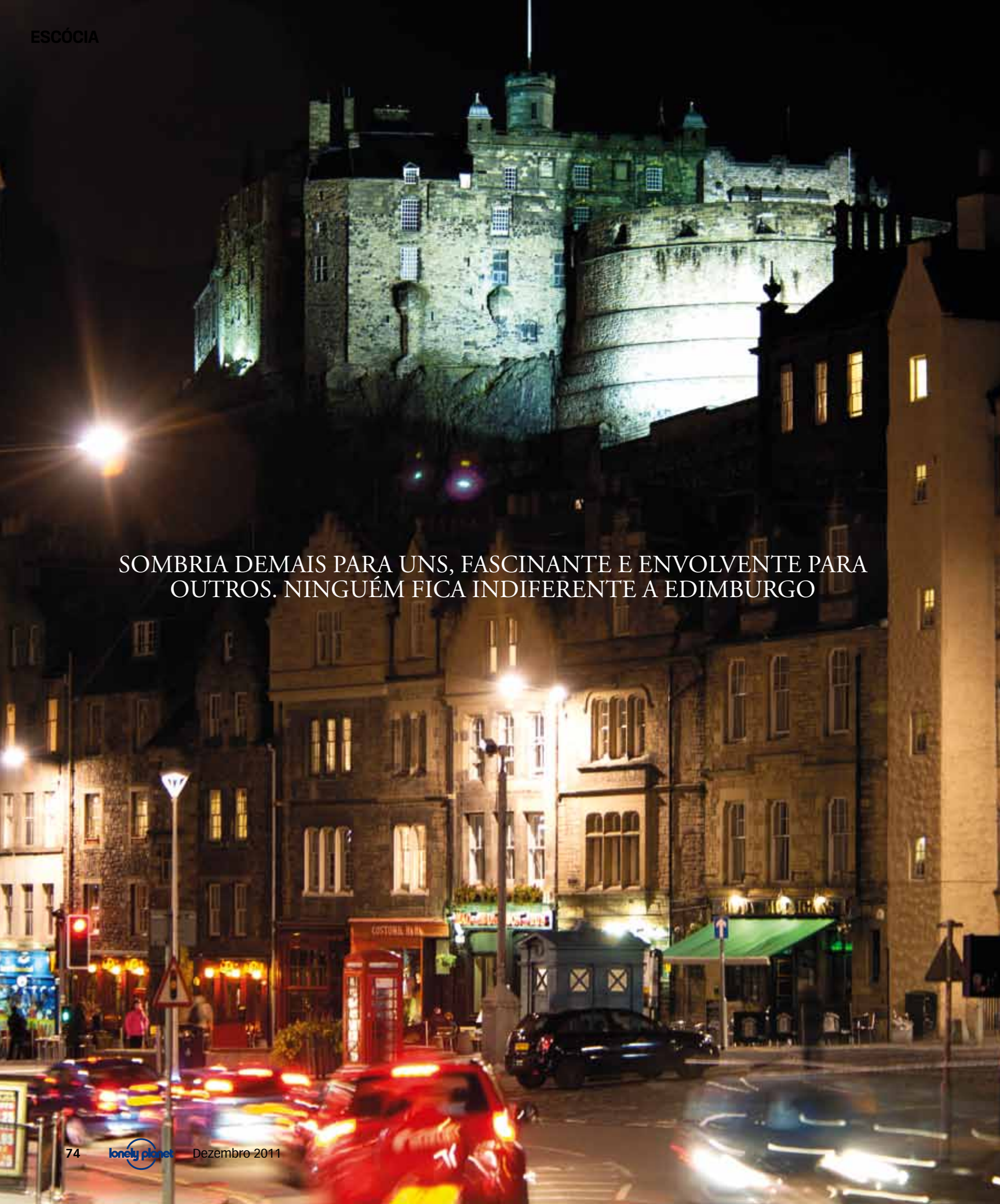
O ambiente científico interno parece não combinar com a atmosfera lá fora, de uma Royal Mile muito antiga que remete o pensamento para tempos remotos e aparentemente distantes do avanço tecnológico. Mas Edimburgo tem muitas facetas ocultas. A cidade pode ter perdido importância política com a união dos reinos escocês e inglês em 1707, mas floresceu vigorosamente no universo cultural e intelectual desde então. Sem ilusão.

● [camera-obscura.co.uk](http://camera-obscura.co.uk) ►



Os visitantes da Camera Obscura costumam se impressionar com as invenções científicas e os mais variados objetos de ilusão de óptica, entre hologramas realistas (acima e à direita) e bolas de plasma (abaixo)





SOMBRIA DE MAIS PARA UNS, FASCINANTE E ENVOLVENTE PARA OUTROS. NINGUÉM FICA INDIFERENTE A EDIMBURGO



Em sentido horário: as vestes tradicionais são mantidas na igreja de St. Giles, assim como no kilt do homem que caminha pela rua; a entrada do imperdível Mary King's Close; e uma cena do cotidiano de uma cidade quase milenar





LONELY PLANET IMAGES

## 4 A HISTÓRIA

**X** QUASE DEMOLIDA NA DÉCADA DE 1930, A GLADSTONE'S HOUSE RESISTE COMO UM SÍMBOLO DO SÉCULO 17

“**N**ENHUMA outra casa em Edimburgo mostra tão bem como era a vida 600 anos atrás.” Trajada com um vestido que a faz parecer viver no século 17, a opinião é da jovem Ioanna Nikoli, que recebe os visitantes com sorrisos largos e muita simpatia no segundo andar do prédio mais antigo da cidade. Estudante de arquitetura, há um ano ela trabalha

como voluntária na Gladstone's House. “É um prédio lindo, eu adoro estar aqui.” Vista de fora, a construção se parece com tantas outras da Royal Mile. Mas, por dentro, qualquer semelhança se esvai em segundos. Comprada pelo comerciante Thomas Gledstones em 1617, o prédio de cinco andares é o maior legado arquitetônico e social de uma Edimburgo que crescia desenfreadamente.

“É uma casa única, não há nenhuma outra na cidade que tenha tantos detalhes preservados e que tenha sido uma casa usada por várias famílias”, complementa Ioanna, referindo-se ao costume da época em que os cômodos ou andares eram alugados para distintas pessoas. É nesse sentido que os detalhes são importantes. A capital escocesa dos séculos 16 e 17 sofria um aumento populacional que obrigava à sua expansão. Com a Old Town cercada por pântanos e debruçada na encosta do morro, a saída era construir para o alto e para abaixo do nível da rua.

Fedida e insalubre, as famílias mais abastadas tinham o privilégio de morar nos andares superiores das construções. A distância das calçadas imundas era um indicativo de posse. O quarto no segundo andar em que a estudante atendia os visitantes naquela tarde ilustra bem tal cenário. “Como arquiteta, o que mais me atrai são os detalhes, principalmente a pintura no teto do quarto, com frutas exóticas que na época eram símbolos de riqueza. Frutas que o dono nunca viu.”

Na porta de saída do andar térreo, os bonecos de dois porcos me soam despropositados. Ioanna explica que na Edimburgo do século 17 ter tais animais na frente de casa era um luxo. Eles ajudavam a limpar a sujeira da rua. Em Gladstone's Land, são os detalhes que importam.

● nts.org.uk



Acima: o interior de um rico quarto do século 17; e a fachada do prédio, o único na Royal Mile a ainda ter arcadas. Abaixo: detalhe da pintura do teto do quarto



LONELY PLANET IMAGES

## 5 A LITERATURA

**X** OS GRANDES NOMES DA POESIA E DO ROMANCE ESCOCÊS SÃO REVERENCIADOS NO DISCRETO MUSEU DOS ESCRITORES

**V**ISTO por fora, o prédio que abriga o Writer's Museum é mais bonito do que por dentro. O interior é bem simples, sem qualquer vestígio da sua longa existência, considerando 1622 como data da construção. Mas a proposta ali não é destacar a arquitetura centenária e charmosa que identifica os prédios da Lady Stair's House, espécie de quadra onde o museu está localizado, ao fim de um beco ligado a Royal Mile. A ideia é mais singela. Trata-se de enaltecer a vida e a obra dos três maiores escritores escoceses: Robert Burns (1759-1796), sir Walter Scott (1771-1832) e Robert Louis Stevenson (1850-1894).

Sentada com um livro na mão, impassível tal qual uma estátua grega, a senhora de cabelos louros curtos visivelmente pintados parece estar ali como uma austera vigia dos objetos pessoais de Robert Stevenson. Livros, botas, óculos, cachimbo e outros artefatos estão dispostos sob mesas de vidro e armários. Estranhas fotografias ainda criança, porém vestido de menina, do célebre escritor de *O Médico e o Monstro* e a *Ilha do Tesouro* repousam na parede. A cena bizarra me

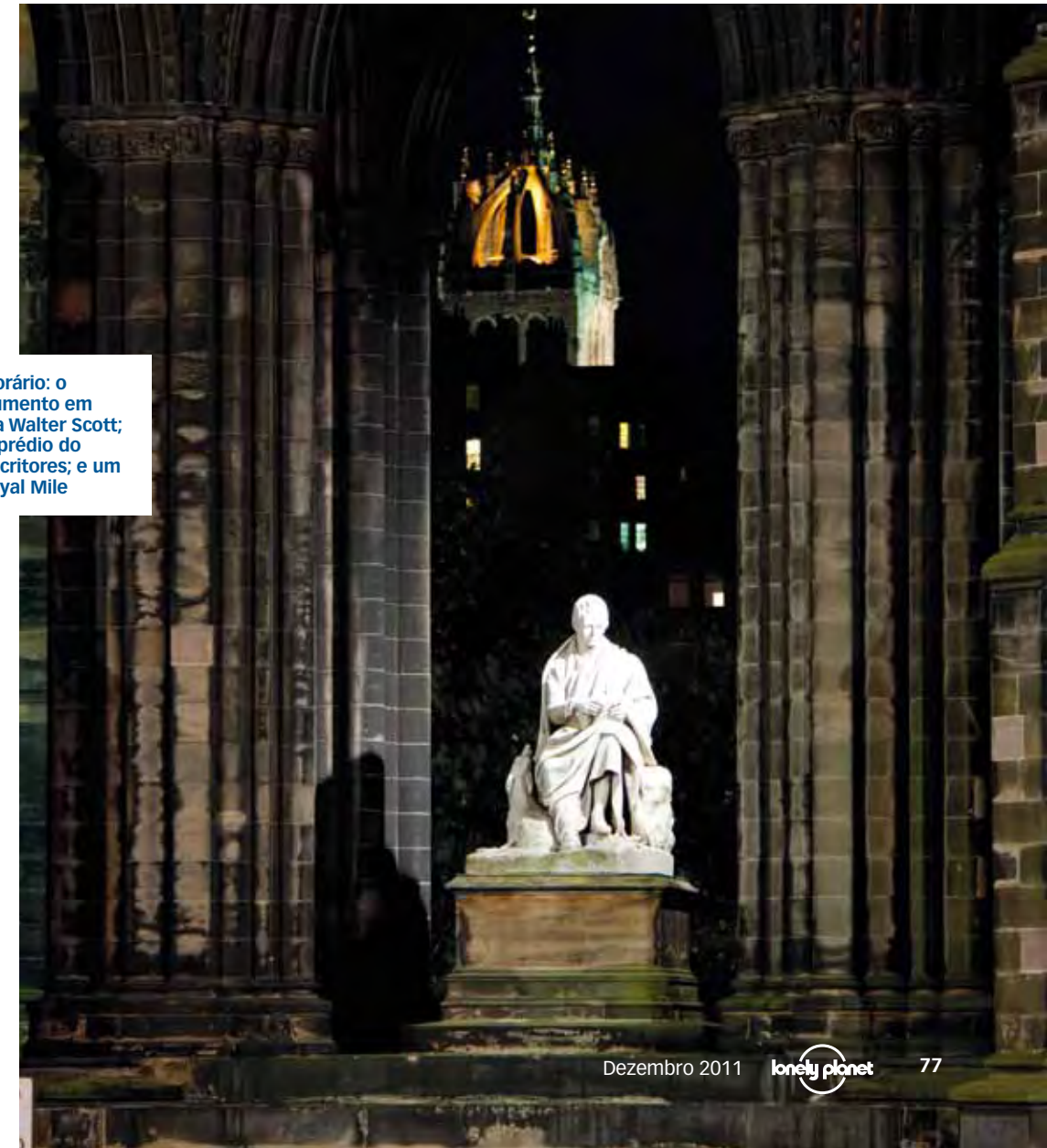
obriga a demandar uma pergunta quase sussurrando, em um misto de respeito sepulcral pelo ambiente divinizado e um certo receio pela reação daquela senhora imóvel. “Ah sim...isso era comum naquela época, muitas mães faziam isto”, responde Pat Watt-Winters, com uma agradável delicadeza. Solícita, ela fecha o livro e levanta-se em minha direção, deixando para trás o ar impertubável de há pouco e mostrando-se extremamente atenciosa e disposta a contar toda a vida, a obra e as características de seu autor predileto.

“Ele não tinha boa saúde, mas mesmo assim levou uma vida de muitas viagens e aventuras e eu gosto disto”, confessa a senhora, membro da Robert Stevenson Association. Perguntada sobre qual obra de Stevenson mais lhe agrada, a solene fã reluta em responder, mas admite que *Kidnapped* (Raptado) é sua favorita. “É um livro muito escocês.” Animada em falar mais, como as perguntas cessam, ela volta a sentar-se em sua cadeira e a ler, assumindo novamente o ar impassível à espera do próximo visitante curioso em conhecer um pouco mais sobre os grandes mestres da literatura escocesa.

● [edinburghmuseums.org.uk](http://edinburghmuseums.org.uk) ▶



Em sentido horário: o enorme monumento em homenagem a Walter Scott; a fachada do prédio do Museu dos Escritores; e um detalhe da Royal Mile





Por fora o destaque é a arquitetura e, por dentro, o esplêndido órgão ainda em ação em diversos concertos semanais abertos ao público



Em sentido horário: ser a casa mais antiga da Royal Mile ainda de pé não é pouca coisa; as bíblias do século 16 são um dos destaques do local; a janela do segundo andar tem uma bela vista da rua mais importante de Edimburgo

## 6 A RELIGIÃO

**X** MAIS DO QUE AMBIENTES DE CULTO, AS IGREJAS DE EDIMBURGO REVELAM CAPÍTULOS FUNDAMENTAIS DA HISTÓRIA DA ESCÓCIA

QUANDO saiu de braços dados com o jogador de rúgbi Mike Tindall da igreja Canongate Kirk, Zara Phillips, neta da rainha Elisabeth II, acabara de realizar o primeiro casamento real em solo escocês dos últimos 20 anos. Embora amplamente divulgado pela mídia britânica, seu matrimônio nem sombra fez à união de seu primo William três meses antes. Ainda assim, a escolha da pequena igreja erguida em 1688 na Canongate Street – que junto com as ruas High St., Lawnmarket e Castle Hill formam a Royal Mile – para ser o local da cerimônia real foi simbólica.

Na Escócia, o papel da igreja na vida social e política do país sempre foi intenso. Como espadas apontadas para o céu, torres pontiagudas sobressaem na silhueta da Royal Mile, marcando os locais em que o homem encontra Deus. A Canongate Kirk é até uma igreja discreta, atraindo mais visitantes em função de alguns hóspedes ilustres enterrados em seu jardim – como o economista Adam Smith e o poeta Robert Fergusson –, do que por

aspectos artístico e arquitetônico. Esse viés turístico cabe melhor à Catedral St. Giles, que com sua torre em forma de coroa destaca-se na Royal Mile.

Exceção feita a um órgão belíssimo, o interior da catedral carece de grandiosidade, mas é rico em história. A St. Giles foi o centro da Reforma Protestante na Escócia e sob sua nave transcorreram importantes episódios do país. John Knox, o grande líder da Reforma escocesa, comandou a catedral de 1559 a 1572, ano de sua morte. Apesar de construída sobre uma antiga igreja normanda de 1126, posteriormente destruída pelos ingleses em 1385, é uma obra relativamente nova para os padrões locais que mais chama a atenção de quem a visita: a Thistle Chapel. Em estilo gótico, a capela arrebatava olhares devido à absurda riqueza de detalhes esculpidos em suas cadeiras que mais parecem troncos reais.

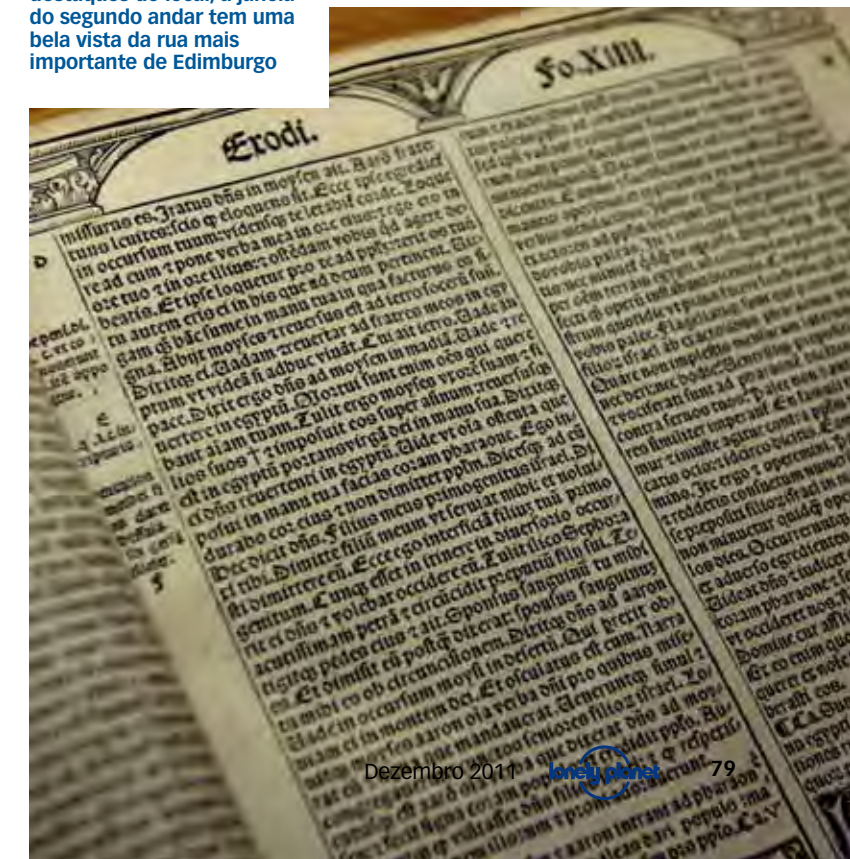
Sem a mesma opulência arquitetônica, a casa em que se acredita que John Knox viveu de 1561 até 1572 resiste firmemente às intempéries e mantém-se como a mais antiga edificação de toda a Royal Mile, construída por volta de 1472.

“Num dia fraco, cerca de vinte ou trinta pessoas visitam a casa, mas num dia bom esse número pode chegar a cento e vinte”, comenta Jim Aird, funcionário da loja existente no térreo da John Knox House, com muitos livros à venda sobre a história do lugar e a vida do líder da Reforma Protestante na Escócia.

Jim comenta que nunca apareceram muitos turistas brasileiros por ali e que recém- agora eles começam a surgir. “Alguns perguntam se tem o áudio tour em português... acho que se continuar assim vou dar um jeito de oferecer em 2012.” Enquanto o áudio tour não vem, bastam os olhos para apreciar o quarto frontal do segundo andar e o teto de madeira que exhibe pinturas do século 17 em cores ainda originais, assim como o piso de carvalho.

No andar de baixo, bíblias muito antigas escritas em latim estão expostas, datando de 1537, 1541 e 1566, inclusive a primeira impressa em inglês, em 1579. Quadros contam a vida desse homem que em 1553 fugiu da Inglaterra católica para refugiar-se em Genebra, na Suíça, onde desenvolveu suas ideias religiosas sob a influência de John Calvin até regressar a sua terra natal e ver, em 1560, o parlamento escocês abolir a influência do Papa e do catolicismo no país.

É graças ao triunfo da Reforma Protestante que Zara Phillips, William, o príncipe Charles e tantos outros herdeiros do trono britânico podem casar e se separar à vontade, sem temer a Deus. [scottishstorytellingcentre.co.uk](http://scottishstorytellingcentre.co.uk) / [stgilescathedral.org.uk](http://stgilescathedral.org.uk)





## 8 A MONARQUIA

**X** RESIDÊNCIA OFICIAL DA RAINHA, O PALÁCIO DE HOLYROODHOUSE PRESERVA AS MAIS IMPORTANTES RUÍNAS DE EDIMBURGO

**I**NGLESES são brilhantes em transformar tragédias pessoais, crimes bárbaros e traições despudoradas da realeza em atrações turísticas. Da Torre de Londres às muralhas de York, os exemplos de como atrair visitantes com uma boa história de sangue, suor e lágrimas proliferam pela Inglaterra. Os escoceses são mais comedidos, mas nem por isso perdem uma boa oportunidade. E a melhor delas é justamente uma das principais atrações do ostentoso Palácio de Holyroodhouse.

O curto e conturbado reinado de Mary, a Rainha da Escócia, deixou sequelas no palácio no qual viveu de 1561 a 1567. Seu quarto impressiona pelo alto grau de preservação e simplicidade, sem as mobílias extravagantes e luxuosas que caracterizam a monarquia britânica nos séculos seguintes, embora o teto de carvalho e a cama dossel indiquem a importância de quem ali vivia. Ao lado do quarto, uma marca no chão indica o local em que seu ciumento marido, Lord Darnley, matou o secretário da rainha, sob os olhares complacentes de Mary. Há quem diga que é possível ver vestígios de sangue manchando o assoalho de madeira.

Intrigas à parte, no palácio situado na extremidade oposta da Royal Mile em relação ao Castelo de Edimburgo, os viajantes podem desfrutar da beleza do Great Hall, onde 89 quadros dos antigos reis e rainhas da Escócia são apresentados com orgulho. Curiosa é a Throne Room, restaurada em 1822 e que exibe os tronos da rainha Mary e do rei George V, tão modestos quanto uma cadeira velha da casa da vovó.

Mas para muitos o ponto alto do passeio não está no interior de nenhuma sala ou quarto utilizado pelos reis e rainhas do presente ou do passado. São as ruínas da Abadia de Holyrood repousando silenciosas no jardim ao lado do palácio que concedem o inestimável valor histórico do lugar. Erguida em 1128 sob ordens do rei David I, gesto que determinou o nascimento da cidade, junto com a transferência da corte para o Castelo de Edimburgo, as ruínas exalam o charme e o fascínio somente possíveis a uma construção de quase novecentos anos. Entre corredores e paredes sem teto, ainda se podem sentir os resquícios de uma época de poder e ambição, quando Edimburgo era apenas um sonho real.

● [royalcollection.org.uk](http://royalcollection.org.uk)

## 7 AS PROFUNDEZAS

**X** OS TÚNEIS EXISTENTES NOS SUBTERRÂNEOS DA CIDADE VELHA REVELAM A VIDA DOS HABITANTES POBRES DO SÉCULO 17

**O** guia demonstra seriedade com o passeio que está prestes a iniciar. Jovem, magro, pele muito branca, cabelos pretos encaracolados, seu rosto parece o reflexo perfeito do personagem Frodo, de *O Senhor dos Anéis*. São nove horas da noite e um pequeno grupo inicia a descida aos subterrâneos da Royal Mile, adentrando um ambiente sinistro, em que o ar fica mais frio à medida que se desce por longos corredores estreitos formados por paredes de cimento, lembrando uma catacumba. O teto é baixo, o chão úmido. O caminho labiríntico leva a diversos ambientes mais largos e, em cada um deles, o guia desanda a narrar histórias das famílias que ali viviam e trabalhavam, envoltas em dificuldades, privações e mortes.

Percorrer as entranhas do Mary King's Close talvez seja um passeio pesado para espíritos mais frágeis, mas é sem dúvida a melhor oportunidade de conhecer e entender como era a vida de boa parte dos moradores pobres de Edimburgo em meados do século 17. Em uma cidade super populosa e sem ter para onde expandir,

os subterrâneos eram o destino e a moradia daqueles que tinham poucas posses. Ao longo dos séculos, os muitos caminhos ainda existentes nas profundezas da Old Town alimentaram horripilantes histórias de assassinatos cruéis e fantasmas errantes.

Agências de turismo hoje exploram à vontade esse universo fértil de terror e assombração, promovendo tours nos diversos “closes” da cidade, como assim eram chamadas as passagens subterrâneas. Como sempre acontece, lendas e verdades se confundem. Se por um lado você pode duvidar da história da adolescente que ainda vagueia pelos caminhos escuros abaixo da terra, o mesmo não deve acontecer com os relatos que dão conta das pessoas infectadas pela peste negra que eram abandonadas para morrer. Às vezes, famílias inteiras.

Com pitadas de humor negro e sorrisos sarcásticos de canto de boca, o guia mantém o clima da visita tenso, sempre lembrando do fantasma de Mary, à espreita. Ao final, os participantes saem do passeio satisfeitos com o outro olhar da cidade, e o fotógrafo Cristiano Carniel jura que viu alguém de branco cruzando o fundo do corredor.

● [realmarykingsclose.com](http://realmarykingsclose.com)

